CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte

Jornal de Comércio

Class.:

Mineração 28

Data

08/02/90

Pg.:

Brasil, cercado de lobos

SÍLVIO MEIRA

JORNALISTA, JURISTA E ESCRITOR

Saqueado por todos os lados, o Brasil vê surgir nos horizontes acinzentados do futuro uma nova ameaça: a proposta insana de entregar-se a grupos japoneses a exploração do ouro na Amazônia. Tal sugestão não deve sequer ser objeto de cogitação, constitui mais um assalto à nossa economia já tão abalada por outros assaltos.

Nações estrangeiras levam o nosso ferro de Carajás a preço ínfimo. O valor de uma tonelada mal dá para pagar um jantar em restaurante de Nova York. Carregaram os americanos trinta milhões de toneladas de manganês do Amapá, deixando lá uma imensa cratera. Agora, de maneira insidiosa, tem-se em mira o ouro! Que país é este, meu Deus?

Uma nação em que se flagram contrabandos de ouro de muitas toneladas em poucos meses, como ocorreu recentemente em Foz do Iguaçu, não pode queixar-se de falta de produção desse metal nobre. Produção há, imensa, em Serra Pelada, Gurupi, Xingu, Tocantins, Madeira, Amapá, Roraima, por todo lado. Se a produção é fantástica, por que então recorrer a capitais e técnicas estrangeiras? Onde a lógica?

O Brasil está se tornando uma nação surrealista. Expulsam-se milhares de garimpeiros das selvas de Roraima, brasileiros honestos que se dedicam a uma atividade perigosíssima; invoca-se uma liminar inepita expedida em Brasília para ser cumprida em outra jurisdição, sem que a autoridade que a pretende executar utilize o meio hábil: a Carta Precatória; fazem-se despesas imensas com remoções inúteis. Quem pagará a conta, afinal? O juiz imprudente que exarou uma liminar que envolve o mérito? A autoridade, não menos imprudente, que parece desconhecer que na Organização Judiciária Brasileira (como em todas as organizações judiciárias), as decisões a serem cumpridas em outras jurisdições e comarcas dependem de Carta Precatória e, se for no exterior, de Carta Rogatória? Quem pagará a conta, repetimos?

Enquanto se tenta expulsar cerca de quarenta mil brasileiros da selva que eles defenderão em caso de conflito com estrangeiros, abrem-se, ou tenta-se abrir as portas ao alienígena espertíssimo para que

explore a riqueza que é nossa? Ao lado do ouro há o urânio. Onde há um metal há muitos outros: o estanho, a alumina, o manganês, o níquel, o cobre... e os diamantes. Ainda ninguém denunciou que, nos limites montanhosos do Brasil com a Venezuela a maior riqueza não é o ouro, mas o diamante. Os missionários sabem disso. Os governos das grandes potências sabem disso. Só nos é que não sabemos? Felizmente, começam a surgir vozes autorizadas e sensatas, como a do General Santa Cruz, em Manaus, e do Ministro da Marinha, em Brasília, colocando as coisas nos seus devidos lugares. (Vd jornais O GLOBO e J. DO COMMERCIO de 4/2/90).

Há mais coisas entre o céu e a terra do que julga a nossa vã filosofia. Muito útil foi a entrevista do Ministro da Justiça com o general Santa Cruz, na qual pôde conhecer melhor a realidade amazônica, que as Forças Armadas estudam e defendem.

O Governo precisa aumentar os efetivos militares das fronteiras. Dar maiores recursos à Aeronáutica, que desempenha uma valerosa missão em regiões inusitadas. Os índios recebem os aviões militares com alegria. O Tuchaua de uma tribo dos Apalais, no Pará, se orgulha de possuir uma farda de oficial da aeronáutica, à qual veste toda a vez em que pousa um avião militar. (Temos fotografia). Lá estivemos, faz pouco tempo.

Os brasileiros precisam conhecer melhor o Brasil. As autoridades deveriam ser obrigadas a percorrer a imensa região à margem esquerda do Amazonas, que encantou, no passado, cientistas estrangeiros, entre eles Coudreau e Crévaux, franceses.

O Brasil está cercado de lobos por todos os lados. É de estranhar que as vozes que poderiam defender a região se mantenham mudas!

A fim de resolver o problema da poluição não precisamos recorrer a estrangeiros. Para que servem as nossas numerosas universidades? Que fazem elas, bem como o Ministério da Ciência e Tecnologia, que não prepararam homens capazes de defender o que lhes pertence? É a nossa afamada e secular Escola de Minas de Ouro Preto?

E os bolsistas no exterior, quanto gastam? Estudam ou se fartam de cerveja na Oktoberfest de Munique?

Coincidentemente, estamos no mês do carnaval... Surrealismo puro.